

EWKÁ: CONVERSÃO E DRAMA SOCIAL NA ALDEIA

André Oliveira de Souza ¹

RESUMO: Ewká: conversão e drama social apresenta como se configurou o drama social conforme Victor Turner (2008) a partir de dois eventos na trajetória do antigo xamã Ewká. Ambos os eventos levaram Ewká a conversão ao cristianismo conforme a mensagem dos missionários da Unenvangelized Fields Mission (UFM) e conseqüentemente a conversão de toda a comunidade Waiwai. Foi um evento marcante que reconfigurou todo o universo Waiwai incluindo cosmogonia bem como suas representações tanto materiais como imateriais. Dramas sociais, conforme Turner (2008), são processos anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito. Tipicamente, possuem quatro fases de ação pública observáveis: ruptura, crise crescente, ação corretiva e, reintegração. Com base nessas categorias teóricas propomos a análise da conversão dos Waiwai ao cristianismo protestante.

PALAVRAS-CHAVE: Conversão; Drama social; Xamanismo; Cristianismo.

EWKÁ: CONVERSION AND SOCIAL DRAMA IN THE VILLAGE

ABSTRACT: Ewká: Conversion and Social Drama presents how the social drama was configured according to Victor Turner (2008) from two events in the trajectory of the former shaman Ewká. Both events led Ewká to convert to Christianity according to the message of the missionaries of the UFM (Unenvangelized Fields Mission) and consequently the conversion of the entire Waiwai community. It was a landmark event that reconfigured the entire Waiwai universe including cosmogony as well as its material and immaterial representations. Social dramas, according to Turner (2008), are anharmonic or disharmonic processes that arise in conflict situations. Typically, they have four observable phases of public action: disruption, escalating crisis, corrective action, and reintegration. Based on these theoretical categories, we propose an analysis of the Waiwai's conversion to Protestant Christianity.

KEYWORDS: Conversion; Social drama; Shamanism; Christianity

INTRODUÇÃO

Durante doze anos convivi entre os os Waiwai, grupo indígena da Amazônia setentrional do tronco linguístico karib. Residi entre eles durante quase cinco anos. Nove meses em Mapuera-PA, quatro anos em Jatapuzinho-RR. Durante três anos visitei assiduamente a comunidade de Anauá-RR. A convivência trouxe-me suficiente conhecimento linguístico e excelente conhecimento cultural.

Parte do grupo Waiwai migrou da Guiana Inglesa para o Brasil. Na atualidade se encontram em ambos os lados da fronteira. A empreitada evangelizadora entre eles iniciou-se em 1949 (SOUZA, 2008), através dos irmãos Rader, Neill e Robert Hawkins da Unevangelized Fields Mission (UFM). Robert se destaca, pois foi ele o responsável direto

¹ Mestre em Sociedade e fronteiras. E-mail: antropo.andresouza@gmail.com



pela evangelização e conseqüentemente a conversão dos Waiwai ao cristianismo protestante (DOWDY, 1997).

Os Waiwai estão entre os cinco grupos indígenas do Brasil que possuem toda a Bíblia (Kaan Karitan - literalmente “o papel de Deus” na língua Waiwai) traduzida em sua própria língua. Porém, para que se chegasse até este ponto foi percorrido um longo e conflituoso caminho protagonizado pelo povo Waiwai e missionários.

O protestantismo está entre eles desde a década de 1950, tornando-se parte do cotidiano do grupo e assimilado de tal modo que, para os Waiwai, tornou-se a “religião oficial”. O objetivo deste artigo que é um recorte de minha dissertação é: como se configurou a noção de drama social (TURNER, 2008) através da conversão do antigo xamã Ewka ao cristianismo.

A CRISE DO XAMANISMO E A CONVERSÃO AO CRISTIANISMO

Houve dois eventos importantes na trajetória xamânica de Ewka² que ilustram o modo como estes contribuíram para a sua conversão ao cristianismo e, conseqüentemente, para a conversão dos waiwai, que posteriormente tiveram suas próprias experiências quando do abandono do xamanismo. Foi um período em que eles enfrentaram novas doenças e Ewka passou a vivenciar uma profunda crise quanto aos poderes de cura desempenhados pelo xamã, pois ora funcionava, ora não.

Soubemos que um surto de epidemia alastrou-se entre os índios na época em que a missão os encontrou. Os rituais de cura tradicionalmente realizados não surtiam efeito no combate às doenças trazidas pelos brancos (...). As mortes que aconteciam em grande quantidade eram um sinal de que o diálogo entre os Yaskomo e os seus espíritos tinham sido de certa forma interrompido [...] (CAIXETA, saga ewka, p. 275).

Segundo relatos de Ewka, Xakawa³, filha de Poniwe, esteve muito doente durante uma viagem que faziam para a outra comunidade. Ewka tentou curá-la através dos rituais xamânicos, tentou tudo o que podia fazer para curá-la. Tudo o que o espírito mais poderoso, conforme os WaiWai, Kakínaw - kworokyam disse ele fez, mas não obteve nenhum resultado, de modo que a menina veio a falecer. Conforme o próprio Ewka, este

² Ewka, foi o antigo xamã, líder e protagonista da conversão Waiwai ao cristianismo protestante.

³ “Caranguejo”.



evento o abateu muito e colocou o xamanismo em dúvida para ele, pois, nesse período, os missionários já afirmavam que os rituais xamânicos não curavam.

O segundo evento foi a doença de Kîrînaw, filho de Ewka. Ele estava com a respiração muito rápida (talvez uma pneumonia) e, mais uma vez, Ewka não vinha obtendo sucesso para curá-lo. Os missionários o desafiaram a usar apenas a oração. – Se você continuar assim seu filho vai morrer – diziam os missionários. Ewka aceitou o desafio.

O missionário da UFM, Robert Hawkins, lhe ensinou: – Vá lá e ore assim: “Eu não quero que meu filho morra, como morreu Xakawa”. – Você tem que falar com Deus assim. Ewka assim o fez e no outro dia Kîrînaw estava um pouco melhor. Conforme Ewka orava no decorrer dos dias, Kîrînaw ficava melhor.

O período entre a doença de Xakawa e a de Kîrînaw se constituiu, para Ewka, um período de oscilação entre xamanismo e oração cristã, se constituindo num período de crise, isto é, “um daqueles pontos de inflexão ou momentos de perigo e suspense, quando se revela um verdadeiro estado das coisas, quando é menos fácil vestir máscaras ou fingir que não há nada de podre na aldeia” (TURNER, 2008, p.34).

Ao ser convidado para curar pessoas por meio do xamanismo, Ewka dizia que estava experimentando outra coisa, a oração. As pessoas diziam para ele: – Por que você está fazendo isto? – pois elas sabiam que se o xamã abandonasse o xamanismo, fatalmente morreria, segundo as experiências e tradições Wiawai como outrora o poniko yîm (pai dos porcos que cedeu o espírito para que Ewká se tornasse xamã) já lhe avisara. Mas Ewka vivia uma crise entre Kworokyam e Jesus. Ele chegou num ponto em que precisava escolher a quem iria “segurar”⁴, como descreveu a já falecida missionária Irene Benson:

Por algum tempo Ewka continuou como pajé, mas orava e cantava hinos que ele aprendeu com Sr. Roberto e Dona Florine. Às vezes quando ele tentava curar uma pessoa tudo dava certo, às vezes não dava certo. Ele não podia imaginar porque a pajelança não funcionava toda vez. Um dia Dona Florine conversou com Ewka, que lhe perguntou porque a pajelança nem sempre dava certo. Dona Florine respondeu que talvez os espíritos maus não quisessem dividir Ewka; eles queriam todo poder na vida dele (BENSON, 2010, s/p.).

Ewka estava numa encruzilhada. Afinal, os missionários o desafiaram a escolher apenas um caminho. Ou continuava “segurando” Kworokyam e realizando o xamanismo, ou “segurava” Jesus e fazia orações.

⁴ “Segurar” é o termo que os waiwai usam para a conversão ao cristianismo. “ahsi” é a raiz do verbo segurar. Por exemplo, Xesus ahsiko! (Imperativo para: “Segure Jesus”, “converta-se”).



Ewka pensou e, enfim, decidiu que ele queria aceitar Jesus, mesmo que nenhum outro índio tivesse feito isso no passado. Ele, de verdade, não sabia se iria morrer caso abandonasse a pajelança. Ele foi sozinho para a roça para orar pela primeira vez e convidar Jesus para entrar na sua vida.

A decisão de Ewka foi perigosa na perspectiva waiwai. As consequências do abandono dos ofícios de xamã traziam o risco iminente de morte experimentado empiricamente pela comunidade.

Havia um pajé que tentou curar a sua esposa, fez todo o tipo de pajelança para ela melhorar, ela não melhorou e morreu. O pajé ficou com raiva, pegou a pokara (cesta onde o pajé guardava elementos para realizar rituais e cerimônias xamanicas), jogou na mata, tudo caiu, as pedras, tudo. No próximo dia, ele pensou: “eu não deveria ter feito aquilo”. Ele foi procurar sua cesta e não achou as pedras (pedrinhas brancas guardadas na pokara para rituais de cura). Ele ficou com medo, voltou para a casa dele, deitou na rede, virou de costas, virou para a parede e as pessoas disseram que ele simplesmente morreu. Naquele dia, não, mas ele não comia mais, não bebia mais... Ele pensava: “eu vou morrer”. Ele perdeu toda a vontade de viver.

Outro pajé queria deixar de ser pajé. Ele estava passando numa cachoeira, a canoa bateu em qualquer pedra e a cesta dele afundou e ninguém mais achou. Então, ele morreu... de medo... ou de outra coisa.

Então, Ewka e todo mundo, todo o povo, falavam: “está provado, todo pajé que deixa a pajelança vai morrer”. (BENSON *apud* CAIXETA, 1999, p. 273)

A decisão de Ewka trazia apreensão por parte dele e do próprio povo que o advertia do risco de sua decisão. Em certa ocasião sua esposa disse: “Olha, nossos filhos vão morrer e você será o culpado”. Durante o primeiro ano de sua conversão ao cristianismo, qualquer coisa que acontecia a Ewka, todos achavam que ele iria morrer. (CAIXETA, 1999, p. 274). No entanto, segundo os relatos, ele abandonou definitivamente o xamanismo. Para o restante dos waiwai o desafio era relativamente simples. Se Ewka viesse a morrer – e isto parecia iminente, os missionários deveriam ir embora.

Dois eventos também marcaram a conversão dos waiwai. O primeiro, como já vimos, foi a conversão de Ewka, um líder entre eles. Esta liderança foi reforçada na medida em que ele não veio a falecer em seguida ao abandono de suas práticas xamânicas. Isto



colocou em xeque toda a concepção do universo waiwai. As práticas xamânicas e até mesmo Kworokyam começavam a receber atributos satânicos.

O segundo evento de importância vital para conversão dos waiwai⁵ ao cristianismo foi quando Ewka saiu para caçar porcos em forma de um espetáculo.

MATANDO E COMENDO O PONIKO: A CONVERSÃO DOS WAIWAI ENQUANTO GRUPO

Segundo as narrativas do próprio Ewka, após a sua conversão os porcos do mato desapareceram por um longo período de tempo. Quando reapareceram foi perto da aldeia e Ewka saiu para caçá-los, contrariando todos os preceitos que um xamã deveria obedecer. Neste caso em especial, era inconcebível que ele matasse, tratasse e comesse um poniko, pois este era o doador do espírito (hyasîri) para ele.

Além disso, segundo Lima (1996) e Howard (1993), tratava-se de um semelhante e não de um animal comum, diferente de nós, como concebemos em nossa sociedade. Ao contrário do pensamento moderno ocidental, para os waiwai o que os diferenciava dos animais não era o espírito⁶, mas o corpo. Tanto animais como pessoas tinham o mesmo espírito (Ekatî) apenas com uma roupagem diferente, isto é, o corpo. Por isso, para eles, os animais poderiam se humanizar e os humanos se animalizar, criando toda uma lógica perspectivista.

Ewka definitivamente estava abandonando a pajelança diante de todo o povo. Ele queria comer o porco, mesmo sabendo que isto era proibido ao xamã. Um dos filhos de Ewká contou que ele teria dito o seguinte: “Eu vou caçar, trazer aqui e comer na frente de vocês”. Momento este em que podemos perceber claramente o drama que a comunidade passava a evidenciar. Segundo Turner (2008, p. 33-34), “dramas sociais são processos anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito. Tipicamente, possuem quatro fases de ação pública observáveis.

A ruptura de relações sociais formais, regidas por norma. Tal ruptura é sinalizada pelo rompimento público e evidente, ou pelo descumprimento

⁵ Depois de Ewka, os primeiros convertidos foram Yakutá, que mora atualmente em Xaari/RR; Kirpaka, falecido, e Mawaxa, que após viuvez casou-se de novo e mora entre os Hixkariana, na aldeia Riozinho, Nhamundá/Mapuera - PA. Certo tempo depois, todos os waiwai vieram a tomar a mesma decisão. Hoje em dia, a grande maioria se denomina cristã protestante.

⁶ Compreenda-se “espírito” como o ato de pensar e falar.



deliberado de alguma norma crucial que regule as relações entre as partes. Após a ruptura de relações sociais formais, regidas pela norma, vem uma fase de crise crescente. Esta crise é um daqueles pontos de inflexão ou momentos de perigo e suspense, quando se revela um verdadeiro estado das coisas, quando é menos fácil vestir máscaras ou fingir que não há nada de podre na aldeia. A terceira fase é ação corretiva. No intuito de limitar a difusão da crise, certos mecanismos de ajuste e regeneração, informais ou formais, institucionalizadas ou add hoc, são rapidamente operacionalizados por membros de liderança ou estruturalmente representativos do sistema social perturbado. Última fase é de reintegração do grupo social perturbado. (TURNER, 2008, p.33-34).

Muitos do povo choraram! Nesse dia os porcos vieram perto da aldeia e ele foi matá-los. Depois Ahmori, sua esposa, preparou o poniko (queixada) e Ewka comeu na frente de todos.

No fim do ano, quando as pessoas já estavam pensando se era possível deixar a pajelança e não morrer, os porcos apareceram na área. Ewka pegou um arco e duas flechas, pulou numa canoa e atravessou o rio. A sua esposa gritava: “Não vá! Não vá! Os porcos vão te matar!” Mais tarde a esposa chamou o pai: “vamos lá, vamos achá-lo, os porcos vão matá-lo mesmo, mas vamos pelo menos trazê-lo para enterrar”. Chegando lá, Ewka tinha matado dois porcos e lhe disse: “olha, meu bem, eu teria matado mais, mas eu só tinha duas flechas...” Ele não podia matar e nem comer a carne, apenas podia sonhar e dizer para os outros onde os porcos estavam. Os outros podiam ir lá, matar e comer.

Ewka matou os porcos e os levou para a aldeia, fez o trabalho de limpar e tudo aquilo que não podia fazer como pajé. Enquanto sua esposa estava cozinhando, todo mundo chegou para ver se Ewka tinha mesmo matado o porco. Ewka achou que tudo estava bem passado e orou: “Meu Pai, eu não tenho mais medo, eu acho que eu não vou morrer; para mostrar a este povo que está ao meu redor, eu vou comer esta carne e peço agora que você me proteja de qualquer coisa. “ele comeu, e ele não morreu e foi bem lá que o seu poder de pajelança foi quebrado (CAIXETA, 1999, p. 274).

O que ocorreu a partir deste evento, por volta de 1955/56, não foi somente a quebra do xamanismo para Ewka e para os waiwai. Mas, a partir de então, houve uma complexa mudança na estrutura waiwai, que mais tarde, à medida que as conversões aconteciam, foi tomando proporção em toda a rede social waiwai, fazendo com que absorvessem uma nova forma de saber espiritual contrário ao tradicional, mas que, assim como o antigo, manifestava-se concretamente no cotidiano material (objetivo) e nas representações daquele povo.



O discurso tratava da origem do Universo, incluindo as representações sobre o imaterial e os meios de compreendê-lo e alcançá-lo. A pregação trazia como lastro a nova afirmação teológica que privilegiava Kaan como a única divindade verdadeira, acessível e criadora de todas as coisas. Tudo se originava nele e toda a criação havia sido feita para ele, incluindo a escatologia cataclísmica que incluía o julgamento final e a punição eterna (SOUZA, 2008).

O DRAMA SOCIAL APLICADO AO CONTEXTO DA CONVERSÃO WAIWAI

Em primeiro lugar, quando Ewká vai a caça e sobre tudo quando come o poniko ele rompe com a norma antiga de que nenhum xamã poderia, primeiro abandonar o xamanismo e, segundo, não poderia comer o poniko que lhe havia doado o espírito para o exercício das atividades espirituais xamânicas e sociais, de modo que sua atitude trouxe a apreensão de todo o grupo, constituindo-se deste modo num drama.

Em segundo lugar, a crise crescente das tensões entre Ewká, sua família, e especialmente a comunidade que estava perdendo não somente seu xamã, mas o equilíbrio geral que ele trazia ao fazer o contato com kworokyam.

Em terceiro lugar, a solução do grupo para o drama que viviam, ou seja, a crise do xamanismo e a desestrutura social consequente a isto foi o abandono quase completo do xamanismo.

Por último, o modo com assimilam o cristianismo protestante põe em relativa ordem o grupo social. Há outras considerações que ainda podemos incluir nas narrativas e estudos da conversão dos Waiwai, performance e linguagem são algumas delas.

A fala constrói e reconstrói a realidade Waiwai. A fala de Ewká não pode ser vista apenas do ponto de vista sintático, mas também de quem fala, de onde se fala e como se fala (BAUMANN; BRIGGS, 2006). Processo que, no caso do Waiwai se deu pela interação com os missionários, “a performance coloca o ato de falar em destaque, acentua a percepção do ato de falar e permite que a audiência faça avaliações acerca da habilidade e da eficácia dos talentos do ator” (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 207). Enfim, um outro contexto, porém paralelo ao estudo da conversão Waiwai que será em tempo oportuno melhor verificado, levando ainda em consideração Sapir, na perspectiva da construção



daquilo que se considera real através do uso da linguagem e o modo como os símbolos potencializam a experiência atribuindo a linguagem qualidade psicológica.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha - Revista de Antropologia**, v. 8 n. 1, 2, 2006.

BENSON, Irene. **Benson**: depoimento [ago. 2010]. Entrevistador: A. O. Sousa. Boa Vista: UFRR, 2010. Endereço eletrônico. Entrevista concedida a pesquisa de Mestrado em sociedade e fronteira em 04 de agosto de 2010.

CAIXETA, R. A Saga de Euká: epidemias e evangelização entre os WaiWai. In: WRIGHT, Robin (Org.). **Transformando os deuses**. Campinas: UNICAMP, 1999.

DOWDY, H. **O Pajé de Cristo**. São Paulo: Editora Sepal, 1997.

HOWARD, C. Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia setentrional. In: VIVEIROS DE CASTRO, E.; CUNHA, M. C. (Orgs.) **Amazônia**: etnologia e história indígena. São Paulo: USP/FAPESP, 1993.

LIMA, Tânia Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, A 2(2):21-47, 1996.

SOUZA, Alfredo Ferreira de. **Entre escritas e as Escrituras: práticas letradas nas missões protestantes junto aos waiwai**. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação de História Social. Rio de Janeiro: IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

